

“Hospício é este branco sem fim”: violência e loucura na obra *Hospício é Deus de Maura Lopes Caçado*

Letícia Delbone*

Resumo

Refletir sobre o discurso de uma autora como Maura Lopes Caçado é ter a consciência de que sua escrita é intrínseca a sua trajetória. Considerada louca, a autora passou parte de sua vida adulta internada em instituições psiquiátricas distintas. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar quais os discursos sobre a violência manicomial e a loucura produzidos em sua obra *Hospício é deus: diário I* (1965) escrita entre 1959 e 1960. A presente análise será orientada pelos conceitos de violência de Maria Cecília de Souza Minayo e loucura de Michel Foucault, utilizando como metodologia a análise de discurso.

Palavras-chave: história da loucura; história e literatura; violência manicomial.

Abstract

To reflect over the speech of an author as Maura Lopes Caçado, it is to be sure that your writing is intrinsic to its trajectory. Considered crazy, the author spent most of her adult life hospitalized in different psychiatric institutions. Thus, this study aims to analyze which are the speeches on asylum violence and the madness produced in her work *Hospício é deus: diário I* (1965), written between 1959 and 1960. This analysis will be guided by the concepts of violence of Maria Cecilia de Souza Minayo and madness of Michel Foucault, using as methodology the speech's analysis.

Keywords: history of madness; history and literature; manicomial violence.

Introdução

As dificuldades enfrentadas pela literatura que possuem autoria feminina ainda se fazem presentes na contemporaneidade. Portanto, se tais dificuldades são notabilizadas quando falamos sobre literatura e gênero, as mesmas se tornam ainda mais perceptíveis quando apontamos produções de uma autora considerada louca.

As reflexões que surgem a partir de tais questionamentos são distintas, todavia, a viabilidade de sua realização está marcada por alguns fatores, estes que evidenciam as abordagens pautadas na relação entre História e Literatura e no entendimento de que o texto literário pode ser considerado uma fonte historiográfica.

*Graduada em Licenciatura em História pelas Faculdades Integradas de Itararé – FAFIT.

Sendo assim, deve-se ressaltar que a temática da loucura possui expoentes distintos na literatura. Como apontado por Gislene Barral,

Como temática, a loucura é absorvida por um grande número de obras da literatura brasileira, que relativizam seu sentido de acordo com o espírito estético reinante em cada época. Não sendo tratada como objeto científico, o enfoque dos textos literários permite que se vá construindo, transformando e flexibilizando o conceito de loucura a cada representação que dela se faz. [...] (BARRAL, 2001, p.26-27).

A história da loucura no Brasil é marcada por acontecimentos distintos, estes que se fazem presentes na literatura. Como destacado por Barral, a abordagem da loucura pela literatura está condicionada ao contexto relativo de cada época. Desse modo, alguns exemplos da abordagem temática são o livro *O alienista* (1881) de Machado de Assis, o conto *A doida* (1951) de Carlos Drummond de Andrade, *O cemitério dos vivos* (1956) de Lima Barreto, *As parceiras* (1980) e *O ponto cego* (1999) de Lya Luft.

Se em grande parte das obras exemplificadas, a temática da loucura é apresentada como elemento ficcional, ou seja, a partir de uma visão exterior, na fonte histórica que propomos em nossa análise, na obra *Hospício é deus: diário I* (1965), escrita pela mineira Maura Lopes Cançado, a loucura é apresentada a partir de uma visão interior. Vale destacar que sua escrita é intrínseca a sua trajetória, desse modo, falar sobre sua obra é aludir a sua biografia.

Nascida em São Gonçalo do Abaeté, Minas Gerais, em 27 de janeiro de 1929, filha de Affonsina Álvares Da Silva, conhecida como Dona Santa, e de José Lopes Cançado, Maura fazia parte de uma família proeminente da região de Minas. À frente do tempo histórico em que vivia, aos catorze anos, decidiu que tiraria brevê de aviadora.

No aeroclube, Maura conheceu Jair Praxedes, filho de um coronel da região. Praxedes se tornou pai de seu único filho, Cesarion. Casaram-se no religioso e a união chegou ao fim após o nascimento do filho. Divorciada, Maura passou a ser vista como má companhia para as moças de “boa família”. Tal fator fez com que ela se afastasse de Minas e consequentemente de seus familiares.

Em 20 de outubro de 1949, Maura se dirigiu voluntariamente à Casa de Saúde Santa Maria, em Belo Horizonte, onde foi diagnosticada com epilepsia. Fato este que marcou “[...] o

início de uma série de internações ao longo da vida, acompanhadas de remédios, sessões de eletrochoques e reclusão em quartos-fortes.” (MEIRELES, 2015, p.213).

Em 1953 Maura chega ao Rio de Janeiro. A primeira de suas internações na cidade foi na Casa de Saúde do Alto da Boa Vista, uma clínica particular, custeada por um amante. Quando a crise em que se encontrava se agravou, ela foi transferida para o Sanatório da Tijuca. O tratamento que lhe era ofertado anteriormente se modificou, nesse momento ela passou a viver sob o efeito de medicação e passou a sofrer agressões.

Sua primeira internação no Hospital Gustavo Riedel, Engenho de Dentro, foi no fim de 1957, deixando o hospital no início de 1958. A próxima internação seria aquela retratada nas páginas de *Hospício é deus*, em 1959, quando Maura se interna voluntariamente nesse mesmo hospital. Segundo o que consta no livro, ela permaneceu internada até o início de 1960.

A obra escrita entre o fim de 1959 e início 1960 é pautada pelo contexto de internação ao qual a autora esteve submetida. Sua escrita ficou marcada pela denúncia e pela resistência, sendo que a realidade revelada pela autora expõe o tratamento direcionado às pacientes, configuradas em um sistema repressor marcado pela violência.

Ficando fora do catálogo durante 20 anos, seu discurso foi posto a margem e renegado ao silêncio, passando a ser evidenciado a partir de pesquisas recentes. Até o momento foram publicadas cinco edições. No ano de 2015 a obra foi reeditada pela Autêntica Editora, sendo esta edição fonte de nossa análise. Deve-se ressaltar que, por se tratar de um diário, a obra será analisada na íntegra.

“Hospício é não se sabe o quê, porque hospício é deus”

Publicado pela primeira vez em 1965, o livro *Hospício é deus*, composto em forma de diário, constitui-se através do discurso produzido pela mineira Maura Lopes Cançado. Faz-se necessário ressaltar que seus relatos não são pautados apenas nos eventos ocorridos entre o fim de 1959 e início de 1960, quando se encontrava no Hospital Gustavo Riedel, mas também em internações precedentes à da narrativa.

Sua narrativa é intercalada entre dados autobiográficos e relatos do momento em que se encontrava internada. Desse modo, a produção do discurso em sua obra está relacionada ao contexto de encarceramento ao qual está submetida. Sendo perceptível que o discurso

construído pela autora é permeado pela intencionalidade de evidenciar seus sofrimentos, caracterizando-a, portanto, enquanto narradora e personagem de sua obra.

Segundo Michel Foucault (1999, p.8-9), a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por uma série de procedimentos, desse modo, na fonte analisada sua produção é pautada por tais procedimentos, estes que exercem controle sobre o discurso pronunciado pela autora e expõem as condições que possibilitam sua pronúncia.

Como apontado por Foucault (1999, p.9), “[...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. [...]” Portanto, os mecanismos apontados anteriormente definem o lugar de fala da autora.

Esta questão pode ser notada, sobretudo, nos momentos em que a autora reflete sobre a escrita de seu diário, revelando que ao escrever se limita ao registro dos fatos e das relações com os sujeitos. Para ela não se tratava de um diário íntimo, pois sua condição de “hospiciada” não autorizava a escrita de suas verdades. Através do contexto em que está imersa, Maura considera seu diário simplista, julgando impossível abordar determinadas questões.

Dentre os procedimentos abordados por Foucault, evidenciam-se em *Hospício é deus* os princípios de separação e rejeição, que, assim como exemplificado pelo autor, pautam a oposição entre razão e loucura. A discussão inicial de Foucault parte da exposição das formas em que o discurso do “louco” circulava, desde a alta Idade Média.

A partir disso, Foucault (1999, p.10) reitera que “[...] o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros [...]”. Com base nisso, ele destaca que a palavra do louco passava a ser considerada nula ou dotada de poderes, como “[...] o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. [...]” (FOUCAULT, 1999, p.11).

A princípio, através da leitura da fonte, a conjuntura de enclausuramento remete à limitação da difusão de seu discurso, todavia, a partir de uma análise mais aprofundada, torna-se visível que a condição de Maura é díspar, pois sua inserção no meio literário possibilitou que seus textos fossem publicados mesmo neste contexto.

Sendo assim, a autora discorre sobre a rejeição da palavra do louco. Segundo a mesma, “[...] O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um

psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. Em prejuízo de um considerado ‘não psicopata’. [...]” (CANÇADO, 2015, p.49). Tal afirmação permite aproximações com Foucault, já que a oposição entre razão e loucura torna-se clara por meio da separação investida em torno do discurso.

Não é possível afirmar que a separação e a rejeição não estão mais em voga. Desse modo, na contemporaneidade tais princípios se manifestam através de outros aparatos. De acordo com Foucault (1999, p.12), atualmente a separação é exercida de outro modo, mediante novas instituições. Tais instituições, segundo o autor, seriam responsáveis pelo fornecimento de aparatos que decifriam a palavra do louco. Como destacado,

[...] basta pensar em toda a rede de instituições que permitem a alguém – médico, psicanalista – escutar essa palavra e que permite ao mesmo tempo ao paciente vir trazer, ou desesperadamente reter, suas pobres palavras; basta pensar em tudo isto para supor que a separação, longe de estar apagada, se exerce de outro modo, segundo linhas distintas, por meio de novas instituições e com efeitos que não são de modo algum os mesmos. [...] (FOUCAULT, 1999, p.12).

A partir disso, a separação permanece. Como colocado por Foucault (1999, p.13) “[...] mesmo que o papel do médico não fosse senão prestar ouvido a uma palavra enfim livre, é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce. [...]” Estes princípios podem ser notados em *Hospício é deus*. Nas palavras de Maura,

Qualquer reação, se estamos diante de um analista (ou com pretensões a) é sintomática, reveladora de conflitos íntimos, ponto de partida para as mais variadas interpretações. Em se tratando de simbologia, somos traídos a cada instante (ignoro se sobra algum prazer na vida para estes interpretativos analistas). Jamais expressamos a verdade – que passa por caminhos sinuosos, apenas conhecidos do ‘monstro’ à nossa frente, o analista, único que não se deixa enganar. [...] (CANÇADO, 2015, p.37).

Ao mesmo tempo em que as instituições possibilitam a escuta de sua palavra por médicos e psicanalistas, essa escuta pode levar o paciente a reter seu próprio discurso. Sendo assim, torna-se claro que para a autora sua palavra está submetida aos dispositivos de análise do médico. A consciência desse fator a leva a buscar caminhos de fuga, em uma tentativa do que ela denomina como “resistência”.

Sigmund Freud caracteriza a resistência como um mecanismo de defesa. Como destacado por ele, “A resistência dos doentes é bastante variada, extremamente refinada e muitas vezes difícil de reconhecer; é proteiforme nas suas manifestações. [...]” (FREUD, 2014, p.382). A partir disso, ele ressalta que é raro encontrar um paciente que não busque reservar alguma região para si mesmo, a fim de impedir o acesso a determinadas informações. (FREUD, 2014, p.383).

A “resistência”, como apontada por Maura, é pautada na procura de “pontos vulneráveis” no sujeito que a analisa. A autora aponta: “Diante das denúncias que nos são feitas procuramos burlar o médico, confundí-lo, anarquiza-lo. Assim passamos a analisá-lo, colocando-nos em guarda [...]” (CANÇADO, 2015, p.38). A fala da autora pode ser caracterizada como uma tentativa de reter sua palavra diante daquele que a observa.

No decorrer da análise da obra torna-se clara a influência exercida pelo contexto em que a autora está imersa e o controle exercido pelos procedimentos que permeiam seu discurso. Em decorrência disso, alcançamos o segundo ponto que propomos inicialmente, analisar o discurso sobre a violência na obra *Hospício é deus*.

Uma das características que se sobressaem em sua obra é seu caráter de denúncia. A fala da autora não aponta um apelo individual, mas em prol do coletivo. Tal caráter se evidencia tanto pelos relatos apresentados por Maura, quanto pela exposição de sua intenção em revelar o que se passava no interior do hospício. Nas palavras da autora,

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. [...] (CANÇADO, 2015, p.49).

A fala da autora torna clara sua intenção em revelar aquilo que é deixado oculto. Sendo que a denúncia apresentada em seu discurso está relacionada à violência a qual os pacientes estão submetidos. Portanto, aludimos ao conceito de violência para analisarmos qual o seu discurso acerca da mesma.

Segundo Maria Cecília de Souza Minayo, a noção de violência é múltipla. Pautamos, portanto, em sua aproximação com a área da saúde, reiterando que, mesmo através desta aproximação, as tipologias da violência são distintas. Desse modo, seguiremos nossa análise

buscando identificar a relação entre o discurso sobre a violência apresentado por Maura e as tipologias estabelecidas por Minayo.

Dentre as tipologias da violência apontadas por Minayo, destaca-se na narrativa de *Hospício é deus* a violência interpessoal. Tal violência é classificada a partir de dois âmbitos, o intrafamiliar e o comunitário. Segundo Minayo,

A violência comunitária é definida como a que ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos e desconhecidos. Consideram-se suas várias expressões, como violência juvenil, agressões físicas, estupros, ataques sexuais e, inclusive, a violência institucional que acontece, por exemplo, em escolas, locais de trabalho, prisões e asilos. (MINAYO, 2006, p.80-81).

A partir disso, podemos compreender que a violência exteriorizada nas páginas de *Hospício é deus* corresponde à última expressão destacada por Minayo, a violência institucional, dado o espaço em que ela ocorre. Minayo (2009, p.33) aponta que esta violência se realiza por meio de suas regras, normas e relações, as quais reproduzem as estruturas sociais injustas.

Além da tipologia consonante, deve-se destacar que a violência expressada por Maura está correlacionada ao que Minayo denomina como Natureza da Violência, esta que engloba as modalidades em que a violência se manifesta. A primeira dentre tais modalidades é a violência do tipo física. Nas páginas de *Hospício é deus*, esta modalidade é constantemente expressa por Maura, em grande parte das vezes ao relatar as formas de castigo designada as internas. Em um de seus relatos, Maura coloca:

Dona Damaltie falou-me:
- Não dão ao louco nem o direito de ser louco. Por que ninguém castiga o tuberculoso, quando é vítima de uma hemoptise e vomita sangue? Por que os 'castigos' aplicados ao doente mental quando ele se mostra sem razão? Compreendi o absurdo disto. É monstruoso. Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os 'castigos', aprovam-nos ou mandam até mesmo aplica-los. [...] (CANÇADO, 2015, p.83).

O uso de tratamentos como castigo é relatado pela autora em momentos distintos. Todavia, a violência física relatada por ela não se restringe apenas aos castigos. Maura destaca:

[...] dona Júlia, a enfermeira-chefe. Mal chego ao hospital essa mulher começa a perguntar-me quando vou deixa-lo. [...] Dona Júlia mora no hospital, nesta seção, como em sua própria casa. Detesta as doentes que retornam (como se fossem responsáveis por suas doenças). (Da primeira vez em que estive aqui, tratava-me com grande simpatia, até ternura.) Irrita-se com as doentes que não trabalham, não limpam os corredores, enceram-os, lavam roupas e outras coisas. Costuma espancar algumas, e da última vez em que estive aqui bateu em Margarida com o molho de chaves. Margarida é oligofrênica, andou vários dias exibindo as costas, vermelhas de mercúrio cromo. [...] (CANÇADO, 2015, p.35-36).

A segunda modalidade explicitada por Minayo é a violência psicológica. Compreendida como ameaças, agressões verbais e humilhações às quais as internas estão sujeitas. Esta violência é perceptível em algumas falas de Maura, como no trecho seguinte:

Como esta gente está mal preparada para lidar com ‘mentais’. Falam em frente às internadas o que pensam delas. Um grande psiquiatra disse: ‘Não existem loucos, mas pessoas altamente sensíveis’. O que não sentem estas ‘altamente sensíveis’ ouvindo isto? [...] (CANÇADO, 2015, p.93).

Os funcionários mal preparados, como colocado por Maura, são responsáveis pelas violências dispensadas as doentes. Dentre esta modalidade, podemos colocar o medo, reflexo do tratamento conferido,

O dia. As horas. Cada instante. Às vezes medo. Não às vezes: detrás de tudo o medo. Olho imenso tomando o céu. Me recuso a levantar as pálpebras além dos muros. Uniformes cinzentos. Desfile de rostos iguais. Alguns gritos, algumas gargalhadas. Sem lágrimas, sem apelação. Medo: as portas trancadas que dão sinal de vida. As guardas rancorosas. Elas nos fazem voltar das portas, fugir dos corredores, engolir depressa a caneca de mate quente. Hoje esbarrei em Maria de Oliveira, guarda. À saída do refeitório. Ela e outras guardas batiam palmas, apressando as doentes: ‘Depressa, suas lesmas. Andem depressa com essa comida, suas filhas da puta. Todas para o pátio’. Esbarrei sem querer, mas senti medo. Um momento fosco se estendeu trêmulo, o alto-falante gritava música seca, fazendo o corredor dançar quieto e quase vazio, enquanto as mulheres se olhavam, andando lentas e sacudidas. (CANÇADO, 2015, p.33).

O abuso psicológico, como apresentado por Minayo (2006, p.82), tem como objetivo aterrorizar, rejeitar e humilhar a vítima. Tal questão pode ser notada a partir do trecho

destacado, o medo das guardas, que ela classifica como rancorosas, um encontro no mesmo espaço que a deixa aterrorizada.

Como apontado por Minayo, um segundo objetivo do abuso psicológico seria a intenção de rejeitar o sujeito. Em *Hospício é deus*, esta questão está relacionada à recusa da palavra das doentes, por serem consideradas loucas. Destacado em alguns momentos, é perceptível que Maura ressalta a oposição entre a palavra das guardas e das internas, sendo a segunda anulada. Para ela a rejeição de sua palavra estava associada à ideia de tratamento dispensado aos “loucos”. Desse modo, ser rejeitada e ignorada significaria ser tratada como tal.

A terceira modalidade destacada por Minayo diz respeito ao abuso sexual. Com relação às instituições, Maura faz menção a esta Natureza da Violência em dois momentos, abordando o mesmo fato. Como apontado,

- Quando estive aqui e o senhor foi meu médico, sofri coisas horrorosas, fui presa no quarto-forte várias vezes, fiquei vinte e quatro horas sem comer nem beber, nua no cimento. No dia seguinte as guardas mandaram que dois doentes me levassem para o banho, ainda nua, eles abusavam da minha nudez enquanto elas riam muito divertidas. (CANÇADO, 2015, p.43).

O trecho apresentado faz referência a uma discussão entre Maura e um dos médicos da instituição. Como destacado em sua fala, o abuso em questão, embora não tenha partido de nenhum funcionário, foi praticado sob o olhar das guardas que estavam de plantão, qualificando ao que Minayo aponta, já que os protestos de Maura foram ignorados e a mesma foi submetida através da violência física.

A partir disso, Minayo estabelece como uma última modalidade os atos violentos que envolvem abandono, negligência ou privação de cuidados ao indivíduo que necessita de atenção. Essa modalidade pode ser exemplificada a partir do seguinte trecho,

Não sei exatamente o número. Mais ou menos trezentas mulheres. Mal se entra no refeitório se sente o cheiro. Cheiro de gente, gente sem se lavar. Algumas mulheres denunciam nos vestidos manchados de sangue a higiene exigida e desprezada aqui. E o cheiro. Cheiro de mulheres. Mulheres menstruadas e sem asseio. (CANÇADO, 2015, p.47).

Torna-se clara a partir da fala da autora a privação de cuidados e de higiene, o que faz parte dessa última modalidade. Em momentos distintos, Maura remete à ausência de limpeza dos ambientes e de cuidado com as internas, fazendo uma analogia entre o refeitório e um necrotério. Um segundo ponto que devemos destacar é a situação em que se encontravam as idosas no Hospital Gustavo Riedel. De acordo com o seguinte trecho:

Creio que dona Helena e outras senhoras velhas se ressentem tratadas assim, como inúteis. Passam os dias sem fazer nada, perdem completamente a noção do tempo. Discutem por qualquer coisa, não têm nenhum motivo a não ser esperar pelas visitas dos filhos – que quase nunca vêm vê-las. Eu aconselharia a Ocupação Terapêutica. Nenhuma velha é indicada pelos médicos para frequentá-la. Dr. A. me disse mais de uma vez não se interessar por velhas. É muito vaidoso dr. A. Não se interessa, nem aceita, oligofrênicas. Disse taxativamente: ‘Só me interesse por doentes recuperáveis.’ (CANÇADO, 2015, p.80).

Maura fala sobre dona Helena, dona Benedita, dona Luísa, dona Anita e dona Georgete, cada uma em uma situação específica, mas todas marginalizadas. Diferente das internas mais jovens, no caso dessas senhoras, nota-se uma dupla marginalização, por serem “loucas” e por serem mais velhas. A noção de que as senhoras internadas no hospício não são recuperáveis leva-as ao isolamento.

Assim como é perceptível a negligência no tratamento das internas mais velhas, a representação do abandono pode ser constatada quando Maura fala sobre o pátio da instituição. Nas palavras da autora,

[...] as mulheres presas no pátio deixam as seções quase vazias; poucas permanecem, como eu, aqui dentro o dia todo. Não frequento o pátio e isto me dá, ainda aqui, e usando o uniforme do hospital, a sensação de estar à margem. Algumas mulheres sonâmbulas andam vagas pelos corredores cinzentos. (CANÇADO, 2015, p.75).

A fala da autora aponta que, ainda que estivesse internada, como as outras, o fato de não frequentar o pátio a tornava diferente, pois o pátio, segundo ela, sufoca, oprime, mata, sendo a rejeição responsável pela aglomeração de corpos neste espaço. Ela discorre sobre as mulheres que se encontram no pátio, sentadas no banco, no chão de cimento, mudas, atônitas, imóveis, rejeitadas. O pátio como símbolo do abandono destinado à loucura.

Sendo assim, alcançamos nosso último ponto de análise, refletir sobre o discurso acerca da loucura na obra *Hospício é deus*. Inicialmente, gostaríamos de reiterar que, a partir de Foucault, o entendimento sobre a loucura dialoga com a maneira com que a sociedade vivencia esta relação, sendo, portanto, compreendida para além do discurso psiquiátrico, relacionando-se a outras esferas, como a política e social.

Segundo Foucault (2008, p.73), “[...] a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal. [...]” Portanto, a loucura pode ser compreendida enquanto parte da construção histórica, visando as percepções externas dirigidas à mesma. Sendo assim, em Foucault, a loucura pode ser percebida a partir da transformação dos discursos direcionados a ela.

Em primeiro momento, Maura busca distinguir a doença mental da loucura. Segundo a autora, são poucos os loucos no hospício, onde predominam os doentes mentais. Em sua distinção, Maura aponta que os doentes não possuem um lado, estando “[...] entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. [...]” (CANÇADO, 2015, p.25). Inclusos nessa liberdade, encontram-se os loucos, estes que transpõem a barreira, alcançando um estado que ela chama de Santidade.

Pode-se perceber que a visão da autora nesse momento é pautada na ideia de liberdade, tal liberdade que seria alcançada somente através da transposição do primeiro estado (doença) para o segundo (loucura). A ideia de loucura associada à liberdade coincide com a percepção de loucura antes do início da sua institucionalização no século XVII.

Foucault aponta que a criação institucional traz uma nova significação em relação à loucura, sendo esta arrancada de sua liberdade imaginária. A fala de Maura remete a essa noção, já que, para ela, a loucura era um estado de suprema libertação, sendo alcançado por poucos. Tal questão é perceptível quando a autora relata os acontecimentos que precederam sua primeira internação. Como apontado por ela,

[...] O que eu buscava sem cessar era uma coerência que desse sentido à minha vida. Talvez, se eu enlouquecesse, conseguisse dar vida às coisas que existiam em mim e que eu não era capaz de exprimir. [...] Nesta época internei-me pela primeira vez em sanatório para doentes mentais. (Já eu tinha dezoito anos.) Ninguém entendeu o motivo desta internação, a não ser eu mesma: necessitava desesperadamente de amor e proteção. Estava magra, nervosa e não dormia. O sanatório parecia-me romântico e belo. [...] (CANÇADO, 2015, p.67).

É notável a poetização da noção de loucura, além da idealização do hospício, que, em suas palavras, parecia romântico e belo. A romantização e idealização são expostas pela autora apenas nestes momentos. Tais convicções são modificadas quando a autora se vê no interior do hospício. Sendo assim, o que fica marcado em sua escrita em relação à loucura é a ausência de uma significação acerca da mesma.

Maura questiona os rótulos, afirmando desconhecer seu próprio diagnóstico. Reiterando: “[...] Minha personalidade mesma será sufocada pelas etiquetas científicas. [...]” (CANÇADO, 2015, p.41) e ainda: “[...] serei louca? Se não sou, por que não me comporto como as outras pessoas? [...]” (CANÇADO, 2015, p.144). Embora questione os diagnósticos e a própria noção de loucura, a autora entende o estigma carregado por aqueles considerados loucos. Voltamos, portanto, ao pátio.

[...] Não aceito nem compreendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade, lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém, se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado no hospício. Sabe, ilustre visitante, o que representa para nós uma rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio. – Eu quis, mas não posso viver junto deles. Que fazer? Odeio-os então por isto. Trancar-me – voltar para o pátio, onde não serei recusada. Fugir. Fuga na loucura. (CANÇADO, 2015, p.160).

Inicialmente destacamos que compreender a loucura, a partir de Foucault, seria entendê-la a partir das percepções dirigidas a ela. Tais percepções são condizentes com o contexto as quais estão imersas. Desse modo, a loucura é pautada como uma construção externa ao indivíduo.

Se, a princípio, enfatizamos a idealização do conceito de loucura por parte da autora, compreendemos a partir de então que essa identificação é alterada a partir do momento em que a mesma se vê imersa no interior do hospício. Nesse último fragmento, Maura perpassa

a ideia de uma loucura “fabricada”, a loucura não mais distante da doença, mas como parte da mesma.

Nota-se, portanto, que a loucura, para a autora, passa a ser compreendida como uma construção social pautada nas percepções e na forma com que a sociedade se dirige a ela. Para ela, o que se passa no interior do pátio, embora ignorado, diz respeito à sociedade, sendo a loucura produzida através da rejeição dispensada pela mesma.

Considerações finais

Ao iniciarmos esta pesquisa, ocupava o cargo de Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas o psiquiatra Valencius Wurch Duarte Filho, ex-diretor do manicômio Casa de Saúde Dr. Eiras (RJ), fechado em 2012 por conta de inúmeras denúncias de violação aos direitos humanos. Desde sua nomeação o mesmo foi alvo de inúmeros protestos organizados pelos integrantes do movimento antimanicomial, que viam em sua nomeação um retrocesso aos avanços conquistados. O mesmo foi exonerado do cargo em maio de 2016.

Este cenário aponta que as práticas psiquiátricas no país, embora com os avanços conquistados a partir da Reforma Psiquiátrica (entre 1978 e 1980) não se distinguem totalmente do período representado nas páginas de *Hospício é deus*. Tal questão traz à tona a discussão sobre a saúde mental no Brasil, tornando perceptível que falar sobre a violência manicomial e sobre a justificativa dessa violência pela loucura é aludir às formas de exclusão ainda presentes na atualidade.

Desse modo, os resultados deste trabalho levaram-nos à compreensão da amplitude da temática e dos distintos caminhos de análise possibilitados pela fonte histórica abordada. Sendo assim, ao longo do processo de elaboração da presente pesquisa, alcançamos algumas considerações, as quais gostaríamos de evidenciar.

A partir da presente análise, tornou-se perceptível que os procedimentos que exercem controle sobre o discurso se manifestam na fonte histórica analisada. Como apontado, sua manifestação pôde ser percebida, sobretudo, nos momentos em que a autora reflete sobre seu processo de escrita, julgando que o meio em que se encontrava a impedia de realizar determinadas discussões.

Quanto à percepção de tais procedimentos, a interdição em seu discurso tornou-se clara a partir das reflexões destacadas pela autora, já a manifestação dos princípios de separação e rejeição tornou-se visível a partir de uma análise mais aprofundada, visto que a condição da autora, embora se assemelhasse em diferentes aspectos a de outras internas, possuía suas disparidades.

Desse modo, pôde-se perceber que, ao referir-se ao hospício, a autora alude a uma realidade dissonante, iniciada pelo rompimento com o passado, esta que seria instaurada no instante em que o uniforme era vestido. O caráter de denúncia contido em seu discurso é perceptível a partir deste fator, visto que este caráter é movido pela violência explicitada na obra.

Compreendemos, em vista disso, que a violência explicitada por Maura na obra *Hospício é deus* não pode ser pautada a partir de um modelo único, ou seja, caracterizada a partir de uma única modalidade, visto que, assim como colocado por Minayo, ela é complexa e passível de interpretações distintas. Destaca-se, portanto, que a violência apontada pela autora possui características próprias, devido ao espaço em que se exterioriza, logo, sua manifestação está ligada ao tratamento dispensado a loucura. Tal fator torna-se claro quando a autora aponta o uso de tratamentos psicoterapêuticos como castigo.

Dessa forma, assim como se buscou estabelecer um diálogo entre os relatos apresentados por Maura e os preceitos acerca da violência estipulados por Minayo, procuramos identificar a relação entre a obra e as concepções em torno da loucura expostos por Foucault.

A loucura em Foucault, como foi enfatizada em momentos distintos, não se pauta na noção de doença. Embora uma significação direta acerca da loucura não seja visível, a partir de nossas leituras tornou-se claro que a mesma pode ser compreendida a partir dos discursos direcionados a ela. Com base nisso, pode-se considerar que a significação de loucura na obra *Hospício é deus* está relacionada à construção histórica da mesma.

Portanto, o discurso de Maura sobre a loucura é plural, sendo perceptíveis suas transformações ao longo da narrativa. O vínculo entre os ideais enfatizados pela autora e a construção histórica da loucura, este pautado na relação entre a mesma e a sociedade, são visíveis em sua obra.

Nesse sentido, ao explicitarmos as transformações acerca da percepção de loucura apontadas pela autora, destacamos dois pontos distintos, o primeiro pautado na idealização do conceito de loucura e o segundo remetendo a noção de fabricação da mesma. Diante disso, aludindo a Jean-Paul Sartre, Maura coloca:

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é o que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o ‘Muro’, segundo Sartre. É a resistência. [...] (CANÇADO, 2015, p.25).

Sua fala aponta para a primeira noção, ressaltando uma separação entre a loucura e a doença. Fundamentando-se nisso, a autora refere-se a Sartre, apontando que os doentes são aqueles que não conseguem transpor o muro. Consideramos, portanto, que embora sujeita ao encarceramento e cercada pelas barreiras que a confinavam ao pátio, a autora transpôs os muros do hospício através da literatura.

Fonte

CANÇADO, Maura Lopes. Hospício é deus: Diário I. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Referências Bibliográficas

BARRAL, Gislene. “Vozes da loucura, ecos na literatura”. UnB, Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2238/1795>> Acesso em: 26 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. Doença Mental e Psicologia. Editora: Texto e Grafia, 2008.

_____. In: A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. In: *História da Loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREUD, Sigmund. “Resistência e Repressão”. In: Sigmund Freud - *Obras completas*, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MEIRELES, Maurício. “Perfil Biográfico”. In: CANÇADO, Maura Lopes. Hospício é deus: Diário I. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde”. In: NJAINE, Kathie (org). *Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.